

Escrita de si e autoficção

Por **Rodrigo Petronio** | Para o Valor, de São Paulo

Valor, 25/01/2013

Ao analisar a passagem da antiguidade aos primórdios do cristianismo, o filósofo Michel Foucault estabeleceu uma interessante relação entre escrita e ascetismo. A emergência das culturas letradas teria fortalecido a disciplina espiritual. Não por acaso, em grego, ascese ("askésis") e disciplina se identificam. Quanto mais impessoal for a linguagem, maior será a disciplina interior. Foucault define esse novo regime da linguagem de uma maneira precisa: escrita de si.

Ao contrário do que se pensa, a escrita de si não é uma expressão da individualidade. É um modo genérico de falar em primeira pessoa. Por meio dele, mesmo os dados autobiográficos de quem escreve podem ser compreendidos por cada um de nós como se fossem nossos. A escrita de si designa esse misto de intimidade e distanciamento. Mas esse paradoxo da linguagem, tensionada entre a individualidade criadora e a impessoalidade da tradição, no fundo é o atestado de nascença de algo bem menos filosófico e bem mais familiar: a literatura.

O poeta T.S. Eliot compreendeu perfeitamente esse sentido paradoxal da literatura. No ensaio "Tradição e Talento Individual", um dos textos críticos seminais do século XX, Eliot lança a sua sagaz e controversa definição de poesia: ela não é uma expressão dos sentimentos, mas uma fuga dos sentimentos. Quanto mais o indivíduo se anula na linguagem, mais ele se torna digno de ser lido, relido e reescrito pelos outros, ou seja, pela tradição. A dignidade pública do escritor é proporcional à sua renúncia subjetiva. Quanto mais as vozes dos escritores do passado ecoam no poema que eu escrevo, maior a sua poeticidade e o estatuto de minha obra.

Nesse sentido, o talento individual não é uma expressão de conteúdos individuais. A genialidade nasce de uma tensão essencial entre a obediência à tradição e a liberdade de reorganizá-la criativamente. O escritor é um leitor ativo. Não somente o papel é branco. O próprio escritor é uma folha em branco na qual se constelam vozes alheias. Os escritores são meros pontos de articulação no tecido infinito e anônimo da literatura, como intuiu o sempre brilhante Borges.

Ao longo de muitos séculos a literatura foi o exercício de reescrever textos alheios. A escrita sempre foi a recriação de um material preexistente. Um exemplo ilustrativo do que quero dizer é o poeta Luis de Góngora, curiosamente difamado em sua época por ser muito original. Entre 1626 e 1648, seu amigo e admirador Salcedo Coronel propôs-se à tarefa de organizar uma edição de suas obras completas em quatro volumes. Na introdução, diz-nos que as obras comentadas verso a verso e palavra a palavra são uma defesa do grande poeta andaluz.

Mas para nossa surpresa, ao invés de defender a originalidade de Góngora, ele defende a falta de originalidade de Góngora. Não me equivoco. É isso mesmo que você acabou de ler. Em seus comentários, Coronel explicita a rede infinita de

imitações dos poemas. Evidencia em cada palavra, em cada verso e em cada poema a presença de Virgílio, Homero, Ovídio, Catulo, Marcial, Tasso, Ariosto, Petrarca, em uma lista semelhante à Torre de Babel. Talvez estejamos diante de uma das mais elegantes demolições de qualquer aspiração ou inspiração ingênua de originalidade.

Onde termina o indivíduo e onde começa a tradição? Seríamos todos reféns da linguagem? Quando Roland Barthes, em sua aula inaugural no Collège de France, definiu a língua como uma instituição fascista, queria dizer exatamente isso. Todas as condições de possibilidades do dizível estão inscritas nos limites da língua. Somos livres ao criar, mas eternos condenados a criar dentro de possibilidades preexistentes. O inferno não são os outros. O inferno é a Outra. A Dita. A Cuja. A língua.

De fato, dizer má língua é quase um truísmo. O filósofo da linguagem Vilém Flusser fez um exercício: traduziu um conceito grego para dezenas de línguas. Resultado: nenhuma delas tinha uma expressão equivalente exata para o termo grego. É por isso que Jacques Derrida, expoente do desconstrucionismo, não se cansou de nos alertar que todas as categorias racionais do Ocidente nasceram de impotências gramaticais.

Na verdade, essa suspeita vinha sendo gestada havia tempos. O erudito alemão Max Müller coordenou entre 1879 a 1910 a tradução dos 51 volumes dos livros sagrados do Oriente. Nas trilhas de Anquetil-Duperron, foi um dos primeiros difusores do estudo do sânscrito no Ocidente. Além desses trabalhos monumentais, desenvolveu a estranha teoria de que a origem das religiões estaria ligada ao que chamou de "patologia da linguagem".

O que é isso? Basicamente, a nomeação das divindades corresponderia a insuficiências descritivas internas a cada língua. Ou seja: a mitologia teria surgido da simples incapacidade das línguas de nomear fenômenos naturais e dados da realidade. Fato corroborado no século XX pelo linguista francês Émile Benveniste em seus estudos da mitologia e das instituições indo-europeias. Talvez nesse mesmo sentido, Nietzsche tenha chegado à conclusão de que nunca nos livraremos de Deus se não nos desembaraçarmos da gramática.

Mesmo quando transgredimos regras, transgredimos dentro de uma intenção comunicativa. Logo, dentro de possibilidades dadas pela linguagem. Lembrando Lacan, não falamos - somos falados. E nesse ponto a conexão entre linguagem e psicanálise aprofundou ainda mais esse problema a partir do conceito de intertextualidade, lançado pela linguista Julia Kristeva, na década de 1970.

Se o inconsciente é polifônico e diversos eus falam dentro de mim, como posso determinar a autoria daquilo que escrevo? A questão pode parecer simples se tomarmos uma obra em sua materialidade, com nome, registro, código. Mas não o é se entendermos a autoria como o conjunto consciente de atos intencionais que a conceberam. E as camadas infinitas de leituras e releituras que se ocultam sob a cifra transparente de cada palavra, de cada frase, de cada página.

Mas então a autoria não existe? Claro que existe. A psicanálise também fornece meios para pensarmos a autoria para além de qualquer ingenuidade teórica. Autoria é quando eu me aproprio do meu desejo na escrita. Quando sou a linguagem que se escreve em mim. Como se estivesse inscrita em meu corpo. E, nesse ponto, creio que

possamos encontrar uma saída entre submissão e liberdade em nosso corpo a corpo com a linguagem. Essa saída é aquilo que podemos chamar de heterografia: a escrita do outro. Algo semelhante ao que se convencionou chamar de autoficção.

Escapamos das determinações da linguagem quando apagamos nosso eu, transferindo nossa esfera subjetiva para um registro impessoal. Não se trata mais de falar genericamente em primeira pessoa, como propôs Foucault. A heterografia tampouco é a repetição de um texto existente. A heterografia consiste em criar uma ficção de si. Falar de si em terceira pessoa. Ficcionalizar-se.

Em uma de minhas oficinas de escrita criativa pude aprofundar esse aspecto da heterografia. Diversos clássicos da literatura reforçam esse procedimento criativo, mais comum do que pensamos e mais poderoso do que supomos. Notem: não me refiro à autobiografia. Refiro-me a obras ficcionais nas quais se camuflam elementos radicalmente pessoais de seus autores. Não por acaso, a heterografia é o procedimento criativo nuclear da trinca de ases da literatura do século XX: Joyce, Proust e Kafka.

A autoficção e a heterografia são a consciência de que somos animais divididos. E de que o eu é inviável. A melhor forma de dizermos o que somos é nos afastarmos do que supomos ser. Escrever é desistir de transpor o abismo que nos separa de nós mesmos. Por sinal, eu tinha muito mais a dizer sobre esses e outros eus da literatura. Continuarei esse assunto em outra oportunidade, na qual nem eu nem você seremos os mesmos. Afinal, nunca se entra duas vezes no mesmo rio.

Rodrigo Petronio é escritor, autor dos livros "Venho de um País Selvagem" (Topbooks, 2009), "Pedra de Luz" (A Girafa, 2005), entre outros. Organizou os três volumes das "Obras Completas" do filósofo brasileiro Vicente Ferreira da Silva (Editora É, 2010)